



SE NÃO ENTENDERES
EU CONTO DE NOVO,
PÁ

**RICARDO
ARAÚJO PEREIRA**

**SE NÃO
ENTENDERES
EU CONTO
DE NOVO,
PÁ**

**RIO DE JANEIRO:
TINTA-DA-CHINA
MMXII**

As crônicas deste livro
foram originalmente publicadas
na revista *Visão* entre 2004 e 2012.

© Ricardo Araújo Pereira, 2012

1.ª edição: março de 2012

Edição: Tinta-da-china Brasil
Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

P436 Pereira, Ricardo Araújo
Se não entenderes eu conto de novo, pá /
Ricardo Araújo Pereira – 1.ed. –
Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2012.
168 pp.; 21 cm

ISBN 978-85-65500-00-5

1. Literatura portuguesa – Crônicas.
2. Crônicas portuguesas. I. Título.

CDD P869 (22.ed)
CDU 869

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil
R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01
Copacabana RJ 22081-020
Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28
Fax 00351 21 726 90 30
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

SUMÁRIO

13	Ó tu que e-fumas
15	Ah, a minha S. Sebastião da Pedreira natal...
17	Eu sou sincero: não aprecio sinceridade
20	Um casamento e um funeral, passe a redundância
22	Eu, o centerfold
25	IKEA: enlouqueça você mesmo
28	O meu projeto
31	A justa medida
33	Mariquização: um problema da sociedade contemporânea
36	O comentador que não ousa dizer o seu nome
39	Nobody expects the Portuguese winter
41	O sr. deputado Tiririca pede a palavra para defesa da honra
43	Portugal, rabejador da Europa
45	I love you, música portuguesa
48	I like to press transgenic flowers
51	Ser do Benfica: manual de instruções
54	Uma bugiganga para o século XXI
57	Será Obama o anticristo? Deus queira que sim
60	São Steve Jobs
62	Contra o corte cego da consoante muda
65	A ciganice de Sarkozy

67 Eles comem tudo, desde que não tenha alho
69 Movimento 'uma playmate em cada turma'
72 Orgulho bege
75 A reconquista cristã do casamento
78 A argamassa alegórica
dos muros metafóricos
81 Um abraço para Cristiano Ronaldo
84 Dizer que é irritante dizer
86 Política pop
88 Uma reflexão acerca de lixo
91 Triste sina
94 Obscurantismo de ponta
97 Isto de estar vivo
100 Psht, ó chefe
103 Make erotismo, not parvoíce
106 A como é que está o quilo de palavras?
108 Vamos falar um bocadinho sobre a vagina?
110 Evidência de Brokeback Mountain
113 Casamento branco e casamentos negros
115 Os carrascos do carrasco
118 Sobre um pequeno
pormenor chamado liberdade
120 Uma janela para o fim do mundo
123 Música portuguesa forever
125 Não chames à estagnação estagnação
128 Um grande beijo de plástico para a Barbie

131 Tu andas na lua, homem
134 Isto precisa é de um referendo
em cada esquina
137 Vidal Gorbachev Sasson
140 Eis o flagelo do Eyjafjalla
143 O país mais cristão do mundo
145 Hannah Montana: um estudo
147 O presidente de todos os ressentidos
149 Foram não sei quantos mil cineastas
que tombaram pelo Chile
151 A complexa iconoclastia de Otelo
153 O príncipe desencantado
155 Orgias sexuais repletas de sexo,
cópulas, coitos e fornicações
158 Conto de Natal
162 Felizes 365 dias a contar a partir de agora
165 Balanço de uma década



Ó TU QUE E-FUMAS

É de noite e chove. Humphrey Bogart vê partir o avião onde viajam a Ingrid Bergman e o outro senhor que é muito digno e muito chato, como todos os senhores muito dignos. Bogart puxa uma última fumaça do seu cigarro e depois guarda-o no bolso, porque quando chegar a casa vai recarregar-lhe a bateria de lítio usando para tal um carregador de 220 volts ou um simples cabo USB. Fim.

Felizmente, esta cena nunca aconteceu. É verdade que Bogart perde a rapariga para sempre, mas esse acabou por ser um pequeno preço a pagar pelo benefício de conseguir mandar o chato para bem longe de Marrocos. Há momentos em que um homem tem de sacrificar a sua vida para bem da comunidade.

A diferença é que Bogart estava a fumar um tradicional cigarro de papel e tabaco, dos que causam habitação e instilam alcatrão e nicotina no organismo.

Não tinha um dos novos e-cigarros eletrónicos que a Organização Mundial de Saúde não sabe ainda se causam habitação e instilam alcatrão e nicotina

no organismo. Não, Bogart nunca chupou um aparelho a pilhas, no que se distingue, aliás, de boa parte dos atores de Hollywood. Mas nem a pressão dos pares o fez vacilar. Nunca acendeu um circuito eletrônico, nunca inalou microchips, nunca fumou um eletrodoméstico.

Morreu de cancro no esófago, claro, que os cigarros a sério não brincam, mas deixou a todos a certeza de que mais depressa fumava um computador de mesa do que um e-cigarro.

Embora não haja ainda a certeza de que o e-cigarro seja menos prejudicial à saúde do que o cigarro tradicional, a nossa sociedade parece indicar que, quando posta perante o nocivo e o ridículo, opta pelo ridículo. Trata-se de uma escolha deplorável.

Creio que a invenção do e-cigarro é, além disso, uma manifestação do ódio crescente que a nossa sociedade vem dedicando ao papel. Um cronista deve pronunciar-se regularmente sobre aspetos da nossa sociedade que escapam aos seus contemporâneos, e eu já não refletia sobre a nossa sociedade há alguns meses. Reparem: deixamos de comprar jornais em papel porque podemos lê-los no iPad e deixamos de comprar livros em papel porque podemos lê-los no iPad. Receio que a Apple esteja a trabalhar numa aplicação para limpar o rabo, para que possamos dispensar também definitivamente o papel higiénico. Não contem comigo. Humphrey Bogart nunca aproximaria um aparelho a pilhas do rabo, no que se distinguiu, aliás, de boa parte dos atores de Hollywood.

AH, A MINHA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA NATAL...

Nutro sincero fascínio por quem se orgulha do sítio em que nasceu. Pessoalmente, tenho dificuldade em orgulhar-me das coisas que me acontecem por casualidade e, como disse Fernando Pessoa, o lugar onde se nasce é o lugar onde mais por acaso se está. É certo que Pessoa bebia bastante, mas o conselho da prevenção rodoviária é “Se conduzir, não beba”, e não “Se inventar aforismos sobre o sítio de que é natural, não beba”. Julgo que não é por acaso.

Não é que não haja motivos para uma pessoa se orgulhar de ser de Lisboa. À primeira vista, porém, parece que não há. Julgo que é unânime que a melhor coisa que Lisboa tem é a luz. No entanto, o modo particular como o sol brilha sobre uma cidade dificilmente será motivo de orgulho. Mais: se a luz é o melhor, quer dizer que aquilo que ela ilumina não é particularmente digno de nota. Por outro lado, contudo, é fácil simpatizar com Lisboa. Parece que, no terramoto de 1755, várias igrejas ficaram destruídas. Mas a rua dos lupanares, ao que

dizem os historiadores (que, aliás, deviam dar mais atenção aos lupanares), ficou intacta. Há que respeitar uma cidade em que isto acontece.

Mas, para mim, o principal motivo de orgulho em ser lisboeta é outro, e mais importante: se alguém disser mal de Lisboa, nenhum lisboeta se aborrece. Isto parece-me precioso. Se eu fizer um comentário negativo acerca de qualquer localidade portuguesa, no dia seguinte recebo centenas de cartas de cidadãos indignados. Não tenho o direito de dizer que determinada aldeia de Trás-os-Montes é atrasada. Há imprecisões infames nas minhas opiniões sobre o Carnaval de Torres Vedras. E a minha perspectiva sobre as vacas da Ilha Terceira é um escândalo. Mas se eu fizer meia dúzia de críticas à cidade de Lisboa, mesmo que sejam injustas, o meu carteiro bem pode dormir até mais tarde, que ninguém se incomoda a escrever-me. É significativo. Não sei bem de quê, mas é.

Eu, como boa parte da população de Lisboa, nasci em S. Sebastião da Pedreira. Já lá passei duas ou três vezes e confesso que não senti grande coisa. Não me vieram as lágrimas aos olhos. Não me apeteceu escrever poemas. Não me incomoda que o resto do país desconheça onde fica S. Sebastião da Pedreira, quantos habitantes tem a freguesia, ou quais são as tradições locais, se é que há algumas. Trata-se de um sítio, e é tudo. O facto de eu lá ter nascido, como seria de esperar, não transformou a localidade num lugar especial. Assim é que é bonito. O sítio em que nasci é verdadeiramente banal. Não o trocava por nenhum outro.

EU SOU SINCERO: NÃO APRECIO SINCERIDADE

Talvez o leitor já tenha reparado num flagelo que assola a sociedade portuguesa. É o flagelo da sinceridade. Há um número alarmante de pessoas para quem a sinceridade é um atributo estimável. Tanto que, segundo tenho testemunhado com cada vez maior frequência, anunciam a despropósito e sem pudor a sua própria sinceridade, normalmente antes de uma observação desagradável. Funciona assim: “Eu sou sincero: essa camisa fica-lhe mal.” Como é evidente, o proprietário da camisa fica duplamente amesquinhado: não só está mal vestido, como se encontra junto de uma pessoa sincera. Os nossos defeitos parecem ainda piores quando estamos na presença de alguém que é tão obviamente virtuoso. As pessoas com quem me dou sabem bem o que é carregar esse fardo.

É interessante reparar no modo como o autor deste tipo de frase é, em geral, atormentado pela sua própria nobreza de carácter. Outras pessoas teriam a desonestidade de elogiar aquela camisa, ou fariam um silêncio igualmente condenável. O sincero não

pode, uma vez que é sincero. Não é desagradável, nem impertinente, nem descortês. É sincero. No fundo, o que está a dizer é: “Não há nada a fazer. Eu bem me esforço para não ser tão moralmente irrepreensível, mas não consigo. É a mais elevada dignidade que me obriga a dizer-te que tens mau gosto.”

No entanto, tenho dificuldade em entender que ser sincero seja uma qualidade. Dizer o que se pensa não tem nada de admirável. Penso eu. É fácil (e todos sabemos que o caminho para a virtude é intrincado), revela sobranceira (que têm as minhas opiniões de tão especial para que eu me sinta no dever de as comunicar aos outros?), e é muitas vezes desagradável (os meus pensamentos são, na esmagadora maioria das vezes, de uma inconveniência assinalável). Creio, aliás, que a vida em sociedade se baseia precisamente na nossa maravilhosa capacidade de não revelar o que pensamos. Sim, eu acho que determinada senhora é gorda, mas não lho vou dizer, sobretudo se ela mo perguntar. Claro que o odor corporal de certo indivíduo é desagradável, mas ninguém me convence de que eu serei uma pessoa melhor se lhe disser: “Eu sou sincero: o senhor cheira a táxi.”

O problema, creio, é que a nossa sociedade está erradamente convencida de que a autenticidade é um valor que se deve prezar. “Sê tu mesmo”, ouvimos a toda a hora. “Tu deves ser igual a si próprio”, dizem-nos também. São, como é óbvio, maus conselhos. Vamos tentar ser um pouco melhores que isso, digo eu. Só se eu fosse parvo é que seria igual a mim próprio. Trata-se de um caminho que não me levaria a

lado nenhum. Por que razão devo ser eu mesmo se, com algum empenho, posso tentar ser uma pessoa decente? Não me choca que Shakespeare e Bach tenham passado pela vida a tentar ser eles mesmos, mas é melhor para o mundo que eu e, por exemplo, Charles Manson, tentemos ser diferentes de nós próprios.

Eu sou sincero: vou continuar a ser dissimulado.

**SE NÃO
ENTENDERES
EU CONTO
DE NOVO, PÁ**

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA GEOGRÁFICA EDITORA,
SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT DE 80 G/M²,
EM MARÇO DE 2012.